OLIVEIRA, Donizete Silva. Do (inter)texto ao (inter)discurso: uma análise do livro didático de português como hipertexto impresso. Dossiê Funcionamentos discursivos de livros didáticos e de Materiais Didáticos: possibilidades de análise e de trabalho. Cadernos Discursivos, Catalão-GO, v. 1, n. 1, p. 04-23, 2021. (ISSN: 2317-1006 - online).

DO (INTER)TEXTO AO (INTER)DISCURSO: UMA ANÁLISE DO LIVRO DIDÁTICO DE PORTUGUÊS COMO HIPERTEXTO IMPRESSO[1]

FROM (INTER)TEXT TO (INTER)DISCOURSE: AN ANALYSIS OF THE PORTUGUESE TEXTBOOK AS A PRINTED HYPERTEXT.

Donizete Silva Oliveira[2]

Resumo: Este trabalho resulta de uma monografia desenvolvida e apresentada na Universidade Federal Rural de Pernambuco, Oliveira (2019). Nele, buscamos compreender o funcionamento do livro didático como um hipertexto impresso. Para tanto, analisamos a materialização de fenômenos de intertextualidade e de interdiscursividade, por meio dos quais o discurso pedagógico intercala o discurso teórico-científico em seu interior. Desta forma, assumimos como pressupostos teóricos textuais, Koch (2015), Brait (2012), e discursivos, Maingueneau (2015), assim como Barros (2004) e seu trabalho de interface entre conceitos textuais/discursivos, entre outros. A partir deste estudo, concluímos que os discursos materializados nas páginas dos livros analisados colocam em relação o texto pedagógico e científico, construindo uma estrutura complexa e singular.
Palavras-chave: (Inter)texto. (Inter)discurso. Hipertexto. Livro Didático de Português.

Abstract: This work results from a monograph developed and presented at the Federal Rural University of Pernambuco, Oliveira (2019). In it, we try to understand how the textbook works as a printed hypertext. To this end, we analyze the materialization of intertextuality and interdiscursivity phenomena, through which the pedagogical discourse intersperses the theoretical-scientific discourse within it. In this way, we assume as theoretical textual assumptions, Koch (2015), Brait (2012), and discursives, Maingueneau (2015), as well as Barros (2004) and his work of interface between textual/discursive concepts, among others. From this study, we conclude that the speeches materialized in the pages of the analyzed books put the pedagogical and scientific text in relation, building a complex and singular structure.
Keywords: (Inter)text. (Inter)discourse. Hypertext. Portuguese textbook.

Considerações Iniciais

No âmbito dos estudos do texto, pesquisas relacionadas às escritas hipertextuais ganharam destaque após as descobertas de Theodor Holm Nelson[3], durante a década de 1960. Após a disseminação dos estudos desenvolvidos pelo autor, diversos outros cientistas

[1] Este trabalho foi orientado pela Professora Dra. Juliene da Silva Barros Gomes - Prof.ª Associada da UFAPE. Docente do Curso de Letras e do PROFLETRAS – UFAPE. Membro do NUPEDE - Núcleo de Pesquisa em Discurso e Ensino – e teve como base, em sua maior parte, as discussões desenvolvidas por ela em suas pesquisas.

[2] Graduado em Letras Português/Inglês pela Universidade Federal Rural de Pernambuco – UFRPE, Unidade Acadêmica de Garanhuns – UAG. E-mail. doni2545.ds@gmail.com

[3] Theodor Holm Nelson, ou simplesmente Ted Nelson, é um filósofo e sociólogo estadunidense. Pioneiro da Tecnologia da Informação, inventou os termos hipertexto e hipermídia, em 1963, e os publicou em livro, no ano de 1965.

apresentaram análises considerando esse fenômeno como sendo característico dos meios virtuais. Com o passar dos anos, face aos contínuos estudos sobre o tema, autores como Lévy (1993), Barros (2004, 2007, 2012, 2019), evidenciaram que os recursos hipertextuais digitais não eram tão novos assim. Como exemplo, eles observaram que escritas jornalísticas impressas, científicas, de livros didáticos, entre outras, que são anteriores às escritas de ambientes virtuais, já dispunham de elementos hipertextuais.

A partir dos estudos feitos por Barros (2012), por exemplo, é visto, nos livros didáticos, tanto questões de texto quanto de discurso - a ampla presença de elementos linguísticos e visuais, como boxes, links, cores etc. e, ainda, fenômenos de intertextualidade e de interdiscursividade, por meio dos quais o discurso pedagógico intercala outros discursos em seu interior. A articulação entre o campo pedagógico e outros de ordens distintas possibilita, além de manter a coesão e coerência diante da diversificação textual/discursiva imposta aos textos didáticos, a ampliação do conhecimento devido à articulação de informações que ocorrem no espaço (inter)textual e (inter)discursivo.

Neste trabalho, portanto, temos por objetivo a análise de textos complexos, de fenômenos textuais e discursivos, os quais povoam e configuram os livros didáticos de português – unidades de estrutura complexa, plurissignificante (MARCUSCHI, 2003) – os quais são articulados para compor a unidade textual/discursiva pedagógica. Os resultados a ser apresentados mostrarão a presença e o funcionamento de fenômenos de intertextualidade e de interdiscursividade, a partir dos quais são articulados discursos pedagógicos, base de construção dos livros didáticos, e outros de ordem científica, como sendo complementares àqueles, no interior do Livro Didático de Português (LDP)[4]. Dessa forma, analisamos a materialização tanto de fenômenos de textualização quanto de discursivização, componentes do hipertexto impresso. As análises ocorrerão após discussão das contribuições de teóricos que tratam de texto, hipertexto, discurso, intertexto, interdiscurso.

Do texto ao discurso

O texto

[4] Faremos o uso da abreviatura em algumas passagens do texto.

A partir dos estudos vistos em Koch (2015), os fenômenos textuais que antes eram observados levando em consideração apenas análises transfrásticas[5] passaram a considerar construções complexas e, também, novas formas de apreensão dos sentidos, não com base apenas na superfície textual, mas considerando os sujeitos como sendo ativos, peças fundamentais na construção dos textos e dos sentidos em cada contexto de interação. É o que afirma a autora no trecho a seguir;

> [O texto] é uma atividade interativa altamente complexa de produção de sentidos, que se realiza, evidentemente, com base nos elementos linguísticos presentes na superfície textual e na sua forma organizacional, mas que também requer a mobilização de um vasto conjunto de saberes e sua reconstrução no interior do evento comunicativo. (KOCH, 2015, p.18)

Ou seja, as construções textuais levam em consideração elementos linguísticos e ações cognitivas dos sujeitos agentes participantes do momento da interação. O texto é, assim, considerado uma atividade interativa, dinâmica, e o contexto é parte constitutiva dos textos, o espaço onde dialogam sujeitos agentes, em que indivíduos selecionam e articulam elementos linguísticos, fazem uso de seus conhecimentos de mundo, significam e ressignificam, constituindo a representação da realidade.

A partir das discussões relacionadas à construção do texto (ibidem, 2015), fenômenos de intertextualidade, referenciação, entre outros, passaram a ser objeto de análise dos linguistas. Tais elementos possibilitaram mostrar tanto a relação entre elementos linguísticos e visuais como constitutiva da superfície textual quanto a ação dos sujeitos - responsáveis pela articulação de informações guardadas em seu (in)consciente – como necessária à construção de novos textos, de novos sentidos. Levando em consideração a importância desses elementos podemos observar, por exemplo, o papel da intertextualidade na composição de novos textos, na articulação entre textos de ordens distintas, na relação entre enunciadores, de modo a viabilizar a construção dos sentidos.

A intertextualidade

[5] Primeiro período da Linguística Textual. Segundo Koch (1997), nesta fase havia a preocupação de observar fenômenos além da frase, no nível interfrasal, como "correferência, conexão entre orações, relações tópicas, entre outros."(p.2), mas ainda não se considera o contexto, nem o sujeito nesses estudos.

Segundo Brait (2006) e Fiorin (2006), as discussões acerca da intertextualidade se iniciaram durante a década de 1960. Segundo eles, a partir das pesquisas desenvolvidas por Kristeva (1967) foi possível entender a necessidade de olhar para outros aspectos do texto, como a relação que se estabelecia, por exemplo, entre um texto e outros textos. Com o avanço das pesquisas sobre a intertextualidade, percebeu-se que implícita ou explicitamente os textos sempre articularam outros textos, de ordem distinta, em seu interior.

Segundo postulam Koch, Bentes, Cavalcante (2007) "todo texto é um intertexto, outros textos estão presentes nele, em níveis variáveis, sob formas mais ou menos reconhecíveis." (p.14). Conforme as autoras, os textos são uma construção oriunda da relação com outros textos, pois os diálogos são resultado das relações entre sujeitos, consciente ou inconscientemente. Observa-se, a partir de tal perspectiva, que a complexa construção dos textos se dá por meio não só dos elementos linguísticos e visuais, mas também por meio da relação com o outro, a quem pode parafrasear, com quem pode concordar, discordar, a quem pode retomar ou negar. Para as autoras, a intertextualidade é classificada, entre outras possibilidades, como intertextualidade *implíci*ta - articulação de um texto considerado principal a outros textos sem menção explícita a esse outro; e como intertextualidade *explícita* – fenômeno que ocorre quando, no próprio texto, é feita menção à fonte do intertexto, isto é, quando um outro texto ou um fragmento de texto é citado, quando é atribuído a outro enunciador o sentido do texto, "é o caso das citações, referências, menções, resumos, resenhas e traduções, em textos argumentativos quando se emprega o recurso à autoridade." (KOCH; BENTES; CAVALCANTE, 2007. p.28). Ou seja, os sujeitos, por meio de tal fenômeno, articulam partículas, fragmentos guardados na memória discursiva para construir a unidade textual.

Segundo Charaudeau e Maingueneau (2004), a intertextualidade "designa ao mesmo tempo uma propriedade constitutiva de qualquer texto e o conjunto de relações explícitas ou implícitas que um texto ou um grupo de textos determinado mantém com outros textos" (p.288-289). Segundo eles, esse fenômeno é parte constitutiva dos textos e também dos discursos. Ambos afirmam, assim, que o fenômeno pode ser classificado em dois grupos, sendo eles da intertextualidade interna – relação de um discurso com outro discurso dentro de um mesmo campo discursivo, e externa – relação de um discurso com discursos de campos discursivos distintos.

Nas discussões desenvolvidas por eles, os estudos acerca da intertextualidade são direcionados para as relações que se estabelecem entre discursos. É o que ocorre também em Fiorin (2006), pois para esses autores a intertextualidade existe em função da interdiscursividade, ou seja, é a partir da intertextualidade que se materializa no texto a interdiscursividade, a qual representa o espaço de articulação entre discursos, que revela o exterior dialógico das relações comunicativas praticadas pelos locutores.

O discurso

Os estudos acerca do discurso se firmam, segundo Maingueneau (2015), durante a década de 1960, a partir dos estudos desenvolvidos por Michel Pêcheux, e nesse viés teórico passam a ser articuladas perspectivas marxistas, psicanalíticas e linguísticas com o intuito de estudar o exterior textual, a relação locutor-enunciado-mundo, sob uma perspectiva histórico materialista de construção dos sentidos, a parti de "uma teoria da determinação histórica dos processos semânticos" (p.32). Isto é, o discurso, sob essa perspectiva, preocupa-se com a língua e seu funcionamento na produção de sentido, permitindo analisar unidades além da frase ou da superfície textual, indo além do material, ao imaginário, atravessando, assim, sua estrutura linguística – associando língua, atividade comunicacional e conhecimento.

O termo discurso, conforme assevera Maingueneau (2015), é concebido de maneira ampla, "difusa" (p.25), podendo ser: organização além da frase, forma de ação, interativo, contextualizado, assumido por um sujeito, regido por normas, assumido no bojo de um interdiscurso, podendo construir socialmente o sentido. Ou seja, o discurso é regido por regras, sendo ele uma atividade verbal, interage com outras vozes, com outras instâncias enunciativas. O discurso só existe se tomado por um sujeito, no interior de determinado contexto, além de não se constituir fora do espaço interdiscursivo, na relação com outras vozes, com outros ditos, presentes na memória discursiva.

Os discursos são parte fundamental dos diálogos entre sujeitos, é por meio dos discursos que em dado espaço discursivo, "no interior de práticas sociais determinadas" (p.29), ocorre a construção dos sentidos, na interação entre indivíduos. Se por um lado o sujeito age sobre os textos na construção dos diálogos, por outro ele o faz por intermédio das relações (inter)discursivas estabelecidas em determinado momento de interação, e para que

haja a construção de um novo discurso o sujeito, em meio a esse espaço interdiscursivo, faz as escolhas que melhor componham o momento de diálogo.

A interdiscursividade

Segundo Maingueneau (2015), "o discurso só adquire sentido no interior de um imenso interdiscurso."(p.28). Para ele, só é possível interpretar um enunciado relacionando-o "consciente ou não" ao universo de enunciados em que ele se apoia. O discurso é fruto de uma relação dialógica de construção dos sentidos, ou seja, novos discursos nascem na relação com outros, os quais o antecedem. Isto posto, é preciso entender que há, segundo postula o autor, o primado do interdiscurso sobre o discurso, sendo este aberto a uma "cadeia verbal interminável", na qual há o contato com enunciados exteriores, anteriores.

Para Fiorin (2012), de igual forma, "A relação dialógica entre discursos, chamada relação interdiscursiva, é constitutiva do discurso, uma relação necessária". Para o autor, "não há discurso fora das relações interdiscursivas." (p.151). Segundo ele:

> […] um discurso não se constrói sobre a realidade, mas sempre sobre outro discurso. Assim, a conexão com o que está fora do discurso é uma vinculação com outro discurso. Essa ligação que dá dimensão histórica ao discurso. O discurso é um objeto linguístico e um objeto histórico, o que significa que ele é uma construção linguística, gerada por um sistema de regras que define sua especificidade, mas, ao mesmo tempo, que nem tudo é dizível. O que se pode dizer forma um sistema e delimita uma identidade. (FIORIN, 2012, p.146)

Segundo o autor, o discurso se constitui na relação com outros discursos. Essa relação põe em evidência que os já-ditos são a condição de surgimento de novos discursos. Para tanto, a relação de construção desse fenômeno é representada pelo conjunto material, o texto, e pelo imaginário - memória discursiva. Considerar a interdiscursividade como propriedade constitutiva dos discursos implica relacionar aquele como espaço em que os diálogos, as produções de textos, as relações sociais põem em funcionamento os discursos. A partir desse fenômeno o sujeito, fazendo um trabalho de significação e ressignificação dos já-ditos, negocia com as vozes presentes ou não em uma superfície textual, em uma rede de sentidos e estabelece, assim, um diálogo com o outro.

Na acepção que a este trabalho interessa, podemos dizer que os espaços criados nas páginas dos Livros didáticos materializam o interdiscurso, que as relações criadas entre

espaços textuais/discursivos distintos, criados pelos boxes, por exemplo, põem em evidencia um trabalho mediado pelo sujeito a partir do fenômeno da intertextualidade – da relação entre fragmentos de textos distintos mobilizados nas páginas desses livros –, a qual funciona, nos casos analisados, como articuladora de discursos de ordem distinta, com o propósito de construir uma unidade textual e discursiva complexa.

A interface textual/discursiva

Análise do Discurso Francesa e Linguística Textual são áreas teóricas clássicas, distintas, constituídas e reconhecidas como de grande produtividade e eficiência na explicação dos conceitos a que se dedicam: o texto e o discurso. Além do mais, o fato de uma manter raízes teóricas explícitas com os estudos de cognição e a outra com os estudos de materialismo histórico, ocasionam na fundação de ambas, se pensarmos em conceitos como sujeito, texto e discurso, envolvidos nesta análise.

Mesmo diante de tais (in)compatibilidades, sem deixar de reconhecer a independência de ambos os campos, análises têm sido feitas e discussões levantadas em relação à possibilidade de contato e de interface de conceitos, não para unir os campos e torná-los indistintos mas para apreciar fenômenos de linguagem complexos, cuja manifestação evidencia contrapartes textuais e discursivas. Em pesquisas desenvolvidas por Barros (2004), fenômenos de aproximação das formas de análise tanto do texto quanto do discurso revelaram ser possível um trabalho que considere um olhar mais amplo para o objeto criado, levando em consideração dois pontos de vista.

Dessa forma, considerando o modelo de análise pensado por Barros (2004), evidencia-se que ao tratar de uma análise textual/discursiva, ao considerar o risco de se trabalhar na fronteira entre duas teorias distintas, surge a possibilidade de se ter acesso, no texto/discurso, tanto a aspectos descritivos quanto interpretativos. Assim, há a possibilidade de tratar questões de subjetividade, de autoria, de memória e condicionamento, levando em consideração as ações dos sujeitos nos atos de comunicação. Ao considerar tal perspectiva, faz-se necessário um olhar diferenciado sobre os textos complexos. No caso aqui pretendido, os livros didáticos de português são considerados pela autora exemplos ímpares de complexidade (BARROS, 2012, p.6), nos quais evidencia-se o trabalho do sujeito autor, que articula elementos textuais e discursivos para estabelecer a unidade de sentidos.

A hipertextualidade do livro didático

Segundo Marcuschi (2001) e Xavier (2003), o termo hipertexto se referia à escrita eletrônica não linear, ao espaço onde o leitor teria a possibilidade de acessar de forma deslinearizada qualquer conteúdo disposto no meio eletrônico. Ou seja, a partir dos novos meios de comunicação digital, como a internet (sites, blogs, entre outros), seria possível ter acesso a um número ilimitado de conteúdos de todos os tipos de assuntos, de todas as áreas do conhecimento. De fato, o hipertexto articula fragmentos textuais, elementos verbais e não-verbais, intercala partes de textos diversas na composição da unidade hipertextual. A partir da fragmentação textual, o fenômeno da hipertextualidade possibilita a construção dos sentidos de forma que o leitor consiga desenvolver uma leitura mais fluida e aprofundada. Desenvolve-se, a partir de tal fenômeno, um espaço de textualidade complexo, em que a unidade se dá com base em texto de outras ordens, estando eles interconectados, articulados em um só espaço.

Lévy (1993), ao tratar de tal discussão, afirma que o hipertexto "é um conjunto de nós ligados por conexões. Os nós podem ser palavras, páginas, imagens, gráficos ou partes de gráficos, sequências sonoras, documentos complexos que podem eles mesmos ser hipertextos.". Ou seja, o hipertexto articula, intercala fragmentos, elementos verbais e não-verbais, para compor a unidade hipertextual, pois é na fragmentação que ele possibilita a construção dos sentidos, possibilitando ao leitor a melhor forma de apreensão dos sentidos, uma leitura mais fluida, mais ampla. Desenvolve-se assim um espaço de textualidade de conteúdos, texto de outras ordens, interconectados, articulados.

O hipertexto impresso

Para Lévy (1993), Barros (2004), Coscarelli (2009) e Koch (2015), produções escritas da idade média provam não ser o hipertexto um recurso tão novo assim, muito menos exclusivo dos textos digitais. Ou seja, segundo pesquisas feitas sobre a escrita ao longo dos tempos, a utilização de imagens e anotações às margens dos pergaminhos da idade média, por exemplo, evidenciam que o hipertexto é um fenômeno presente na sociedade desde o surgimento da escrita.

O que esses autores evidenciaram diante das pesquisas feitas é o fato de que os recursos hipertextuais hoje utilizados, também nos meios digitais, já eram parte constituinte das obras escritas desde o início das produções textuais impressas. Ou seja, aparatos como, capítulos, temas, títulos, sumário, notas de rodapé, citações, boxes entre outros, são recursos que, ao logo dos tempos, foram inseridos nos textos escritos, com o intuito de facilitar o escaneamento do interior desses textos, a fim de conectar outros conteúdos ou fazer referência a outros trabalhos que contribuíssem para uma leitura complementar, o que possibilitou ganho significativo no processo de significação e produção dos sentidos. Sobre esses fatos Barros (2007) discorre que, "se olharmos para textos como o acadêmico, o jornal e o livro didático, veremos sua feição hipertextual." (p.5). Evidente que ao observar de maneira melhor aprofundada enxergaremos os blocos textuais que articulados constituem o todo dessas produções.

Assim, no hipertexto configurado nas páginas dos livros didáticos de português transparecem as articulações entre textos vários, entre discursos vários, os enunciados que aparecem nas páginas desses livros articulados, intercalados, formando uma unidade a partir da qual é possível estabelecer relações de sentido. Para os autores citados, todo texto está atrelado a outros textos e por isso forma uma rede de interconexões constituinte de uma unidade de significação e sentido. No livro didático ocorre de igual forma a articulação de blocos textuais, no entanto, de maneira estrategicamente explícita, como forma de facilitar a leitura dos alunos leitores.

Ou seja, o livro didático dispõe em seu espaço hipertextual de vários tipos de textos/discursos, articulados uns aos outros com o intuito de proporcionar abrangência aos diversos conteúdos necessários à formação dos indivíduos da educação básica, assim como oferecer suporte aos professores em seu trabalho. Consequentemente, a forma particular desse objeto configura-se, segundo Barros (2004), como "[...]espaço de textualização de diferentes discursos […]" (p.4). Evidente que ao observar os blocos textuais/discursivos de diversas ordens que são articulados dentro do livro didático é possível perceber a complexa construção desse objeto.

No caso específico, como vamos analisar o cruzamento entre o textual e o discursivo nas páginas do LDP, é necessário considerar o discurso pedagógico, definido como "um meio de produzir conhecimentos, dar vozes e valorizar as especificidades da linguagem na tônica do ensino, […] considerando as infinitas possibilidades discursivas, advinda dos diferentes

uso e contextos nos quais a língua se manifesta." (FREITAS; SAMPAIO, 2019, p.1), e o discurso científico, definido como aquele que "compõe o campo de saber da ciência, […] o regime de verdade de nossa época (FOUCAULT, 2009b). que produz grande parte das verdades do mundo, sendo legitimado por utilizar um método muito bem definido: o método científico." (SCHWANTES; HENNING; RIBEIRO, 2016, p.810), pois a complexidade que permeia o texto/discurso presente nessas obras é proveniente, em grande parte, da relação estabelecida entre esses dois campos.

As relações entre texto e discurso nas páginas do livro didático de português

Retomando Barros (2012), vale ressaltar que as páginas dos livros didáticos caracterizam a complexidade estrutural, formal, de parte das produções textuais, na atualidade, ou seja, dispõe de várias formas de dizer. Entretanto, não se pode negar que, influenciados pelos avanços tecnológicos, muito se trouxe em termos de estrutura espacial e textual das "homepages" para as páginas dos LDP. No entanto, o mais importante é observar como esses espaços de múltiplos recursos conteudísticos funcionam como complementares/constituintes do texto/discurso pedagógico. Na busca por textualizar em um mesmo plano, na superfície das páginas desses livros, gêneros diversos – enunciados - discursos outros, autores e diagramadores tentam formas de encadear tais elementos com o intuito de promover uma unidade textual/discursiva, mas sem prender o leitor à linearidade dita do texto, sem perder, também, a qualidade e profundidade que se quer proporcionar em termos de estudo/leitura.

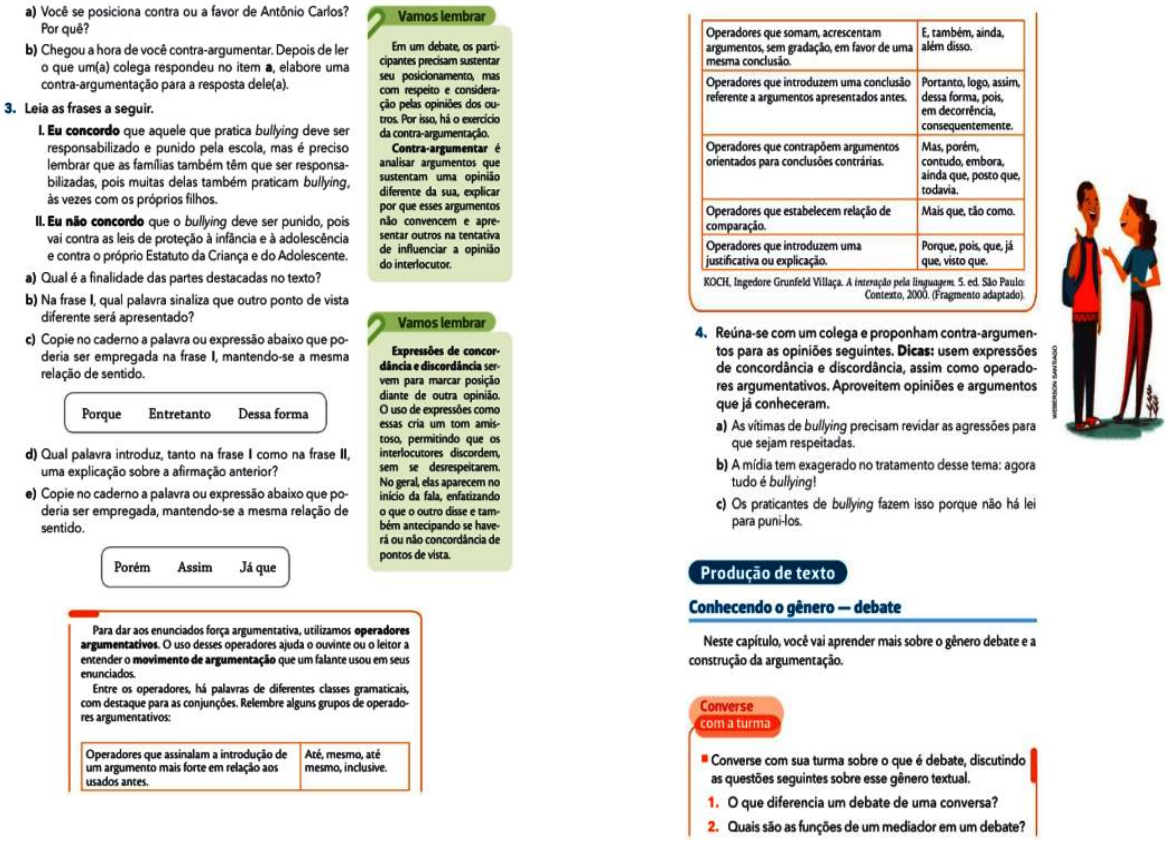
Para compreensão de tais discussões, empreendemos uma pesquisa bibliográfica, qualitativa, baseada na análise de um conjunto de sete imagens, retiradas das coleções Singular e Plural: Leitura, Produção e Estudos da Linguagem (BALTHASAR; GOULART, 2018) e Tecendo Linguagens: Língua Portuguesa (OLIVEIRA; ARAÚJO, 2018). A escolha dessas duas coleções se deu pelo fato de nelas encontrarmos em evidência os fenômenos que tínhamos por objetivo descrever e explicar: a presença do texto teórico articulado ao texto pedagógico a partir dos fenômenos da intertextualidade, interdiscursividade e elementos linguísticos e visuais, os quais configuram o caráter hipertextual do LDP. Em um primeiro momento, observamos o fenômeno da hipertextualidade e a função dos "*links"*, boxes e índices remissivos, como articuladores de conteúdos, textos, discursos. Em um segundo

momento, analisamos dos conteúdos inseridos nesses livros e o entrecruzamento entre texto teórico e científico que se dá a partir do fenômeno da intertextualidade e interdiscursividade, da inserção do discurso outro – do discurso teórico – no discurso pedagógico, realizando um recorte do que fora desenvolvido em Oliveira (2019). Portanto, a análise se dá por meio desses dois eixos; o estudo da hipertextualidade impressa no LDP e o cruzamento entre texto e discurso por meio dos conceitos de intertextualidade e discursividade - fenômenos analisados a parti dos fragmentos de textos e discursos pedagógicos e científicos presentes nesses livros.

Os elementos linguísticos e visuais

A estrutura condicionada no LDP é composta de elementos linguísticos e visuais, os quais estão presentes na superfície textual. Ou seja, boxes compostos em cores variadas, organizados estrategicamente, por exemplo, compõem espaços textuais distintos e articulam conteúdos variados, o que configura o hipertexto impresso, sua face textual. Além disso, títulos, tópicos, links, sessões, entre outros, são mobilizados neste mesmo espaço para formar esse todo coerente que é o texto pedagógico materializado no LDP. Para compreender tal estrutura, apresentamos a seguir as figuras 1, 2 e 3, por meio das quais analisamos tais elementos, sua presença e organização no LDP, e, a partir deles, o trabalho do sujeito autor na construção da coerência textual desse objeto complexo, multifacetado.

Figura 1. Atividade e texto sobre argumentação e “Operadores Argumentativos”



a) Você se posiciona contra ou a favor de Antônio Carlos? Por quê?

b) Chegou a hora de você contra-argumentar. Depois de ler o que um(a) colega respondeu no item **a**, elabore uma contra-argumentação para a resposta dele(a).

3. Leia as frases a seguir.

I. Eu concordo que aquele que pratica *bullying* deve ser responsabilizado e punido pela escola, mas é preciso lembrar que as famílias também têm que ser responsabilizadas, pois muitas delas também praticam *bullying*, às vezes com os próprios filhos.

II. Eu não concordo que o *bullying* deve ser punido, pois vai contra as leis de proteção à infância e à adolescência e contra o próprio Estatuto da Criança e do Adolescente.

a) Qual é a finalidade das partes destacadas no texto?

b) Na frase I, qual palavra sinaliza que outro ponto de vista diferente será apresentado?

c) Copie no caderno a palavra ou expressão abaixo que poderia ser empregada na frase I, mantendo-se a mesma relação de sentido.

Porque Entretanto Dessa forma

d) Qual palavra introduz, tanto na frase I como na frase II, uma explicação sobre a afirmação anterior?

e) Copie no caderno a palavra ou expressão abaixo que poderia ser empregada, mantendo-se a mesma relação de sentido.

Porém Assim Já que

Vamos lembrar

Em um debate, os participantes precisam sustentar seu posicionamento, mas com respeito e consideração pelas opiniões dos outros. Por isso, há o exercício da contra-argumentação.

Contra-argumentar é analisar argumentos que sustentam uma opinião diferente da sua, explicar por que esses argumentos não convencem e apresentar outros na tentativa de influenciar a opinião do interlocutor.

Vamos lembrar

Expressões de concordância e discordância servem para marcar posição diante de outra opinião. O uso de expressões como essas cria um tom amistoso, permitindo que os interlocutores discordem, sem se desrespeitarem. No geral, elas aparecem no início da fala, enfatizando o que o outro disse e também antecipando se haverá ou não concordância de pontos de vista.

Para dar aos enunciados força argumentativa, utilizamos **operadores argumentativos**. O uso desses operadores ajuda o ouvinte ou o leitor a entender o **movimento de argumentação** que um falante usou em seus enunciados.

Entre os operadores, há palavras de diferentes classes gramaticais, com destaque para as conjunções. Relembre alguns grupos de operadores argumentativos:

Operadores que assinalam a introdução de um argumento mais forte em relação aos usados antes.	Até, mesmo, até mesmo, inclusive.
Operadores que somam, acrescentam argumentos, sem gradação, em favor de uma mesma conclusão.	E, também, ainda, além disso.
Operadores que introduzem uma conclusão referente a argumentos apresentados antes.	Portanto, logo, assim, dessa forma, pois, em decorrência, consequentemente.
Operadores que contrapõem argumentos orientados para conclusões contrárias.	Mas, porém, contudo, embora, ainda que, posto que, todavia.
Operadores que estabelecem relação de comparação.	Mais que, tão como.
Operadores que introduzem uma justificativa ou explicação.	Porque, pois, que, já que, visto que.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. *A interação pela linguagem*. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2000. (Fragmento adaptado).

4. Reúna-se com um colega e proponham contra-argumentos para as opiniões seguintes. **Dicas:** usem expressões de concordância e discordância, assim como operadores argumentativos. Aproveitem opiniões e argumentos que já conheceram.

a) As vítimas de *bullying* precisam revidar as agressões para que sejam respeitadas.

b) A mídia tem exagerado no tratamento desse tema: agora tudo é *bullying*!

c) Os praticantes de *bullying* fazem isso porque não há lei para puni-los.

Produção de texto

Conhecendo o gênero — debate

Neste capítulo, você vai aprender mais sobre o gênero debate e a construção da argumentação.

Converse com a turma

- Converse com sua turma sobre o que é debate, discutindo as questões seguintes sobre esse gênero textual.

1. O que diferencia um debate de uma conversa?
2. Quais são as funções de um mediador em um debate?

Fonte: BALTHASAR; GOULART, 2018, p. 22-23

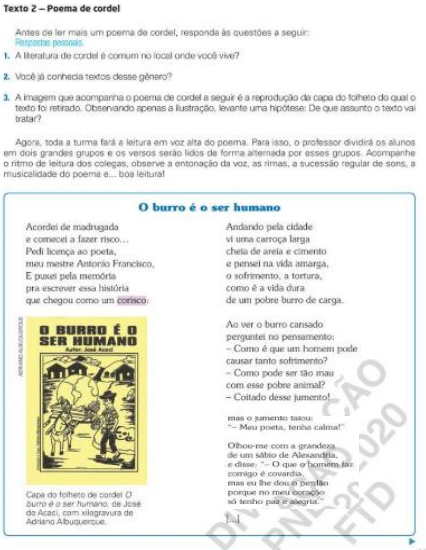
Na seção “leitura”, do capítulo 1, o autor apresenta discussões sobre o “*bullying*” e convida os alunos a refletirem sobre a questão da violência na escola. Após apresentar textos com diálogos sobre o tema, insere uma subseção “o texto em construção”. Em relação aos elementos dispostos na figura 1, é importante observar que os boxes foram encaixados pelo autor em pontos estratégicos de forma que o leitor tem ao alcance da visão a possibilidade de uma leitura complementar, mais ampla, pelo fato de haver a articulação, em espaços textuais distintos, de informações específicas sobre o tema “operadores argumentativos” e sua função linguística. Para articular tais blocos textuais, o autor faz uso de elementos formais e tipográficos (BARROS, 2012), coloca um boxe no interior da atividade didática, na cor laranja, no qual há um trecho do texto de Koch (2000) que trata dos operadores argumentativos, e mais dois boxes compondo a parte lateral da mesma atividade, na cor verde, os quais se configuram como glosas, com textos sobre a necessidade de argumentar e contra argumentar e, ainda, sobre o uso de expressões de concordância e discordância, na página 22. Logo, os três boxes de caráter explicativo trazem a possibilidade de ampliação do conhecimento acerca do conceito trabalhado, possibilita intercalar (BARROS, 2012) no

processo de leitura, o texto pedagógico e teórico quase que simultaneamente. Na página 23, o autor constrói, com a imagem ilustrativa, um contexto, uma situação de diálogo, simula a argumentação e contra argumentação entre dois indivíduos. Ou seja, cria alguns pontos de foco para o aluno/leitor com textos de apoio que possibilitem ampliar as discussões apresentadas, aprofundar as reflexões sobre o tema.

É possível observar, a partir desse recorte, que a articulação entre texto teórico, responsável pela produção conhecimento (SCHWANTES; HENNING; RIBEIRO, 2016) e pedagógico, responsável pela construção do saber, pela transmissão do conhecimento, pelas múltiplas aprendizagens (FREITAS e SAMPAIO, 2019), é possibilitada pelo uso de elementos linguísticos e visuais, blocos de texto pedagógico e científico, imagens, caixas textuais, cores variadas. Evidencia-se, assim, que esses elementos configuram a página do livro didático de maneira complexa, hipertextual.

Vejamos mais um recorte.

Figura 2. Seção sobre poema de cordel box "o burro é o ser humano"



Texto 2 – Poema de cordel

Antes de ler mais um poema de cordel, responda às questões a seguir:
Respostas pessoais.

1. A literatura de cordel é comum no local onde você vive?
2. Você já conhecia textos desse gênero?
3. A imagem que acompanha o poema de cordel a seguir é a reprodução da capa do folheto do qual o texto foi retirado. Observando apenas a ilustração, levante uma hipótese: De que assunto o texto vai tratar?

Agora, toda a turma fará a leitura em voz alta do poema. Para isso, o professor dividirá os alunos em dois grandes grupos e os versos serão lidos de forma alternada por esses grupos. Acompanhe o ritmo de leitura dos colegas, observe a entonação da voz, as rimas, a sucessão regular de sons, a musicalidade do poema e... boa leitura!

O burro é o ser humano

Acordei de madrugada
e comecei a fazer risco...
Pedi licença ao poeta,
meu mestre Antonio Francisco,
E puxei pela memória
pra escrever essa história
que chegou como um corisco.

Andando pela cidade
vi uma carroça larga
cheia de areia e cimento
e pensei na vida amarga,
o sofrimento, a tortura,
como é a vida dura
de um pobre burro de carga.

Ao ver o burro cansado
perguntei no pensamento:
– Como é que um homem pode
causar tanto sofrimento?
– Como pode ser tão mau
com esse pobre animal?
– Coitado desse jumento!

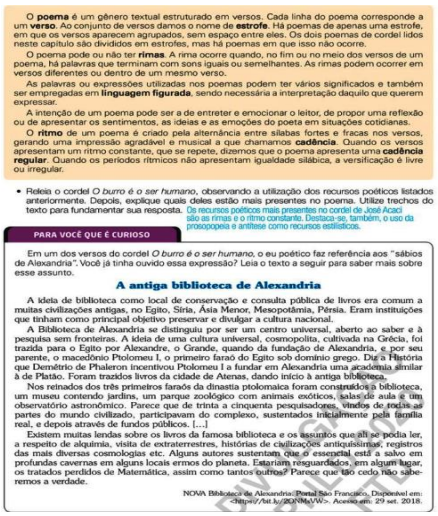
mas o jumento falou:
"– Meu poeta, tenha calma!"

Olhou-me com a grandeza
de um sábio de Alexandria,
e disse: "– O que o homem faz
comigo é covardia,
mas eu lhe dou o perdão
porque no meu coração
só tenho paz e alegria.

[...]

Capa do folheto de cordel *O burro é o ser humano*, de José de Acaci, com xilogravura de Adriano Albuquerque.

Figura 3. boxes "o poema" " A antiga biblioteca de Alexandria



O **poema** é um gênero textual estruturado em versos. Cada linha do poema corresponde a um **verso**. Ao conjunto de versos damos o nome de **estrofe**. Há poemas de apenas uma estrofe, em que os versos aparecem agrupados, sem espaço entre eles. Os dois poemas de cordel lidos neste capítulo são divididos em estrofes, mas há poemas em que isso não ocorre.

O poema pode ou não ter **rimas**. A rima ocorre quando, no fim ou no meio dos versos de um poema, há palavras que terminam com sons iguais ou semelhantes. As rimas podem ocorrer em versos diferentes ou dentro de um mesmo verso.

As palavras ou expressões utilizadas nos poemas podem ter vários significados e também ser empregadas em **linguagem figurada**, sendo necessária a interpretação daquilo que querem expressar.

A intenção de um poema pode ser a de entreter e emocionar o leitor, de propor uma reflexão ou de apresentar os sentimentos, as ideias e as emoções do poeta em situações cotidianas.

O **ritmo** de um poema é criado pela alternância entre sílabas fortes e fracas nos versos, gerando uma impressão agradável e musical a que chamamos **cadência**. Quando os versos apresentam um ritmo constante, que se repete, dizemos que o poema apresenta uma **cadência regular**. Quando os períodos rítmicos não apresentam igualdade silábica, a versificação é livre ou irregular.

- Releia o cordel *O burro é o ser humano*, observando a utilização dos recursos poéticos listados anteriormente. Depois, explique quais deles estão mais presentes no poema. Utilize trechos do texto para fundamentar sua resposta. Os recursos poéticos mais presentes no cordel de José Acaci são as rimas e o ritmo constante. Destaca-se, também, o uso da prosopopeia e antítese como recursos estilísticos.

PARA VOCÊ QUE É CURIOSO

Em um dos versos do cordel *O burro é o ser humano*, o eu poético faz referência aos "sábios de Alexandria". Você já tinha ouvido essa expressão? Leia o texto a seguir para saber mais sobre esse assunto.

A antiga biblioteca de Alexandria

A ideia de biblioteca como local de conservação e consulta pública de livros era comum a muitas civilizações antigas, no Egito, Síria, Ásia Menor, Mesopotâmia, Pérsia. Eram instituições que tinham como principal objetivo preservar e divulgar a cultura nacional.

A Biblioteca de Alexandria se distinguiu por ser um centro universal, aberto ao saber e à pesquisa sem fronteiras. A ideia de uma cultura universal, cosmopolita, cultivada na Grécia, foi trazida para o Egito por Alexandre, o Grande, quando da fundação de Alexandria, e por seu parente, o macedônio Ptolomeu I, o primeiro faraó do Egito sob domínio grego. Diz a História que Demétrio de Phaleron incentivou Ptolomeu I a fundar em Alexandria uma academia similar à de Platão. Foram trazidos livros da cidade de Atenas, dando início à antiga biblioteca.

Nos reinados dos três primeiros faraós da dinastia ptolomaica foram construídos a biblioteca, um museu contendo jardins, um parque zoológico com animais exóticos, salas de aula e um observatório astronômico. Parece que de trinta a cinquenta pesquisadores, vindos de todas as partes do mundo civilizado, participavam do complexo, sustentados inicialmente pela família real, e depois através de fundos públicos. [...]

Existem muitas lendas sobre os livros da famosa biblioteca e os assuntos que ali se podia ler, a respeito de alquimia, visita de extraterrestres, histórias de civilizações antiquíssimas, registros das mais diversas cosmologias etc. Alguns autores sustentam que o essencial está a salvo em profundas cavernas em alguns locais ermos do planeta. Estariam resguardados, em algum lugar, os tratados perdidos de Matemática, assim como tantos outros? Parece que tão cedo não sabe-remos a verdade.

NOVA Biblioteca de Alexandria. Portal São Francisco. Disponível em: <https://bit.ly/2QNMuVW>. Acesso em: 29 set. 2018.

Fonte de ambas as imagens: OLIVEIRA; ARAÚJO,2018, p.89-93.

Nas figuras 2 e 3, o autor trata sobre produção de texto literário, sobre alguns dos elementos e características do poema. Para tanto, é apresentada, na figura 2, a atividade sobre poema de cordel e um recorte do poema "o burro é o ser humano", de José de Acaci; na figura 3, o autor apresenta um box com o conceito de poema, e um terceiro box, na mesma figura, articulado por um tópico "para você que é curioso", na cor púrpura, com uma bibliografia

sobre a biblioteca de Alexandria. Dessa forma, articulados na página do LDP, os boxes funcionam como embasamento para a compreensão dos alunos acerca do tema abordado, que faz uma crítica ao homem e sua relação com o mundo e conhecimento, como uma forma de tratar a partir de mais de um gênero textual a discussão proposta na seção.

De fato, com a divisão dos assuntos em boxes, articulam-se textos específicos, mas que tratam, de certa forma, da mesma ideia. Nas figuras 2 e 3 há uma discussão relacionada ao propósito enunciativo geral, tratar do poema e suas características; no boxe 3, onde é apresentado o texto sobre a biblioteca de Alexandria, o autor articula o texto em questão ao poema de Acaci "o burro é um ser humano" - ao trecho em que no poema se citam os sábios de Alexandria – dessa forma é linkado (COSCARELLI, 2009; BARROS, 2012; OLIVEIRA, 2019), articulado o texto teórico ao pedagógico para que se compreenda o propósito discursivo presente no cordel.

Consequentemente, o autor ejeta o aluno/leitor para outro espaço textual, externo à atividade, leva o aluno a um campo de historicidade, possibilitando uma maior profundidade em relação ao trecho a que é feita a referência no poema em vez de usar um box enciclopédico. Novamente, observamos que a articulação entre texto-discurso teórico e pedagógico é possibilitada pelo uso de elementos linguísticos (BARROS, 2007, 2012), visuais e gráficos, categoricamente selecionados e intercalados no interior do LDP. A partir das amostras colocadas nas imagens 1, 2 e 3 podemos observar a parte estrutural que compõe os hipertextos no LDP - como apresentado nas discussões de Barros (2007, 2012), Coscarelli (2009), os links, cores, textos, imagens etc. que intercalam enunciados, blocos textuais de outras ordens além do didático/pedagógico.

Os fenômenos intertextuais e interdiscursivos

Ao levar em consideração os conteúdos inseridos nas páginas dos LDP, observamos, por um viés discursivo, o cruzamento entre intertexto e interdiscurso, e com isso, o discurso teórico sendo intercalado no pedagógico. Ou seja, os textos, discursos, de ordens distintas, de campos discursivos distintos, articulados de maneira que possibilitem uma visão ampliada dos conceitos relacionados às discussões propostas. É o que destacamos nas figuras 4, 5, 6 e 7.

Figura 4. Seção sobre leituras e paisagens sonoras.



Oficina de leitura e criação

Leituras e paisagens sonoras de "O sinaleiro"

Condições de produção

- O quê?

Leituras bem expressivas do conto, explorando a entonação, o ritmo e as pausas para sugerir efeitos de sentido; gravação dessas leituras, combinadas a sons, ruídos e barulhos que ajudem a imaginar uma paisagem sonora para a história.

- Para quem?

Para a própria turma, de forma que ela possa ampliar o exercício da colaboração e da criatividade, na autoria de paisagens sonoras para o conto, com recursos de sonoplastia. Além disso, vocês produzirão um CD que integrará o acervo da biblioteca escolar e/ou da biblioteca local, de modo que mais pessoas interessadas possam escutar a produção de vocês.

Enquanto você lia o conto "O sinaleiro", certamente pensou em sons e barulhos, imaginando a paisagem sonora onde se passava a história.

Paisagem sonora

Conceito criado pelo músico-educador canadense Murray Schafer, a **paisagem sonora** é o nosso ambiente sonoro, o sempre presente conjunto de sons, agradáveis e desagradáveis, fortes e fracos, ouvidos ou ignorados, com os quais vivemos. Do zumbido das abelhas ao ruído de uma explosão, esse vasto compêndio, sempre em mutação, de cantos de pássaros, britadeiras, música de câmara, gritos, apitos de trens, buzinas de automóveis e barulho de chuva tem feito parte da existência humana por uma representação singular de determinados ambientes acústicos e, por consequência, pela impregnação de sentidos no lugar.

Fonte: SCHAFER, Murray. *A afinação do mundo*. 2. ed. São Paulo: Ed. da Unesp, 2011.

No teatro e no cinema, as paisagens sonoras são ficcionalmente construídas graças à sonoplastia, que explora sons, músicas e mesmo pausas de silêncio, para sugerir acontecimentos, sentimentos, emoções etc.

Que tal dar vida às paisagens sonoras que você imaginou para o conto "O sinaleiro" e produzir uma gravação de leitura bem expressiva dele, introduzindo efeitos de sonoplastia?

Vale a pena ver!

***Vermelho como o céu*, Itália, 2006.**
Direção de Cristiano Bortoni.

Mirco é um jovem italiano de 10 anos apaixonado pelo cinema que perde a visão após um acidente. Vai estudar em um instituto para deficientes visuais, na cidade de Gênova, na Itália, onde descobre um velho gravador e passa a criar histórias sonoras. Baseado na história real de Mirco Menacci, um renomado editor de som do cinema italiano.

Cena do filme *Vermelho como o céu*. Direção de Cristiano Bortone, 2006. Itália.

Fonte: BALTHASAR; GOULART, 2018, p. 48.

Na figura 4, há a articulação/intercalação entre o discurso pedagógico – percebido no box verde, o qual questiona e orienta os alunos sobre "o que são" e "para que servem" os textos lidos anteriormente por eles, fragmentos de "o sinaleiro", na seção oficina de leitura e criação – e um recorte de um livro no qual o autor trata do conceito de "paisagem sonora". Neste caso, vemos configurar o fenômeno da intertextualidade/externa/explícita tratado por Charaudeau e Maingueneau (2004) e Koch (2015), ou seja, o lugar de onde se intercalam, recortam, constituem dois discursos de ordens distintas, o teórico, retirado do livro "a afinação do mundo", e o pedagógico, da exposição didática com questionamentos e atividades. Novamente, o autor recorre aos já-ditos, coloca no espaço textual construído, fragmentado, outros textos, materializa, assim, a interdiscursividade.

O autor aqui cria, como se vê, um espaço textual heterogêneo, traz para a superfície boxes, com questionamentos pedagógicos, bibliográficos, roteirísticos e conceituais. Como discutido anteriormente, a intertextualidade aqui mostrada pode ainda remeter ao conceito defendido por Xavier (2003), onde se afirma que é característica do hipertexto a intertextualidade. Ou seja, a intertextualidade sempre remete uma hipertextualidade, assim como estabelece, materializa o interdiscurso, a relação entre discursos. Assim, na figura 4, vemos materializados os fenômenos da intertextualidade e interdiscursividade, os quais configuram o espaço hipertextual do LDP analisado. Vejamos outro exemplo.

Figura 5. Se



Irapuru: o canto que encanta

Certo jovem, não muito belo, era admirado e desejado por todas as moças de sua tribo por tocar flauta maravilhosamente bem. Deram-lhe então o nome de Catuboré, flauta encantada. Entre as moças, a bela Mainá conseguiu o seu amor; casar-se-iam durante a primavera.

Certo dia, já próximo do grande dia, Catuboré foi à pesca e de lá não mais voltou.

Saindo a tribo inteira à sua procura, encontraram-no sem vida, à sombra de uma árvore, mordido por uma cobra venenosa. Sepultaram-no no próprio local.

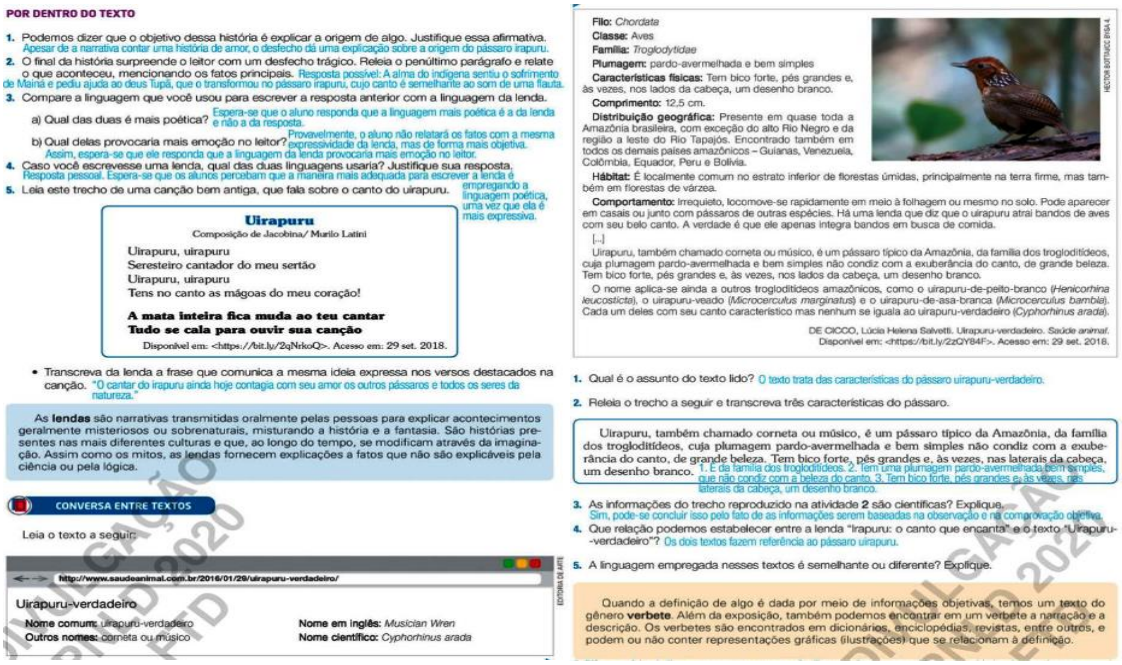
Mainá, desconsolada, passava várias horas a chorar sua grande perda. A alma de Catuboré, sentindo o sofrimento de sua noiva, lamentava-se profundamente pelo seu infortúnio. Não podendo encontrar a paz, pediu ajuda ao deus Tupã. Este, então, transformou a alma do jovem no pássaro irapuru, que, mesmo com escassa beleza, possui um canto maravilhoso, semelhante ao som da flauta para alegrar a alma de Mainá.

O cantar do irapuru ainda hoje contagia com seu amor os outros pássaros e todos os seres da natureza.

SILVA, Waldemar de Andrade e. *Lendas e mitos dos índios brasileiros*. São Paulo: FTD, 1999.

Figura 6. Canção "Irapuru"

Figura 7. Box conceitual sobre o pássaro Uirapuru



POR DENTRO DO TEXTO

1. Podemos dizer que o objetivo dessa história é explicar a origem de algo. Justifique essa afirmativa.
Apesar de a narrativa contar uma história de amor, o desfecho dá uma explicação sobre a origem do pássaro irapuru.
2. O final da história surpreende o leitor com um desfecho trágico. Releia o penúltimo parágrafo e relate o que aconteceu, mencionando os fatos principais. Resposta possível: A alma do indígena sentiu o sofrimento de Mainá e pediu ajuda ao deus Tupã, que o transformou no pássaro irapuru, cujo canto é semelhante ao som de uma flauta.
3. Compare a linguagem que você usou para escrever a resposta anterior com a linguagem da lenda.
a) Qual das duas é mais poética? Espera-se que o aluno responda que a linguagem mais poética é a da lenda e não a da resposta.
b) Qual delas provocaria mais emoção no leitor? Provavelmente, o aluno não relatará os fatos com a mesma expressividade da lenda, mas de forma mais objetiva. Assim, espera-se que ele responda que a linguagem da lenda provocaria mais emoção no leitor.
4. Caso você escrevesse uma lenda, qual das duas linguagens usaria? Justifique sua resposta.
Resposta pessoal. Espera-se que os alunos percebam que a maneira mais adequada para escrever a lenda é empregando a linguagem poética, uma vez que ela é mais expressiva.
5. Leia este trecho de uma canção bem antiga, que fala sobre o canto do uirapuru.

Uirapuru
Composição de Jacobina/ Murilo Latini

Uirapuru, uirapuru
Seresteiro cantador do meu sertão
Uirapuru, uirapuru
Tens no canto as mágoas do meu coração!

A mata inteira fica muda ao teu cantar
Tudo se cala para ouvir sua canção

Disponível em: <https://bit.ly/2qNrkoQ>. Acesso em: 29 set. 2018.

- Transcreva da lenda a frase que comunica a mesma ideia expressa nos versos destacados na canção. "O cantar do irapuru ainda hoje contagia com seu amor os outros pássaros e todos os seres da natureza."

As **lendas** são narrativas transmitidas oralmente pelas pessoas para explicar acontecimentos geralmente misteriosos ou sobrenaturais, misturando a história e a fantasia. São histórias presentes nas mais diferentes culturas e que, ao longo do tempo, se modificam através da imaginação. Assim como os mitos, as lendas fornecem explicações a fatos que não são explicáveis pela ciência ou pela lógica.

CONVERSA ENTRE TEXTOS

Leia o texto a seguir.

http://www.saudeanimal.com.br/2016/01/29/uirapuru-verdadeiro/

Uirapuru-verdadeiro

Nome comum: Uirapuru-verdadeiro
Outros nomes: corneta ou músico
Nome em inglês: *Musician Wren*
Nome científico: *Cyphorhinus arada*

Filo: *Chordata*
Classe: Aves
Família: *Troglodytidae*
Plumagem: pardo-avermelhada e bem simples
Características físicas: Tem bico forte, pés grandes e, às vezes, nos lados da cabeça, um desenho branco.
Comprimento: 12,5 cm.
Distribuição geográfica: Presente em quase toda a Amazônia brasileira, com exceção do alto Rio Negro e da região a leste do Rio Tapajós. Encontrado também em todos os demais países amazônicos – Guianas, Venezuela, Colômbia, Equador, Peru e Bolívia.
Hábitat: É localmente comum no estrato inferior de florestas úmidas, principalmente na terra firme, mas também em florestas de várzea.
Comportamento: Irrequieto, locomove-se rapidamente em meio à folhagem ou mesmo no solo. Pode aparecer em casais ou junto com pássaros de outras espécies. Há uma lenda que diz que o uirapuru atrai bandos de aves com seu belo canto. A verdade é que ele apenas integra bandos em busca de comida.
[...]
Uirapuru, também chamado corneta ou músico, é um pássaro típico da Amazônia, da família dos troglodytídeos, cuja plumagem pardo-avermelhada e bem simples não condiz com a exuberância do canto, de grande beleza. Tem bico forte, pés grandes e, às vezes, nos lados da cabeça, um desenho branco.
O nome aplica-se ainda a outros troglodytídeos amazônicos, como o uirapuru-de-peito-branco (*Henicorhina leucosticte*), o uirapuru-veado (*Microcerculus marginatus*) e o uirapuru-de-asa-branca (*Microcerculus bambla*). Cada um deles com seu canto característico mas nenhum se iguala ao uirapuru-verdadeiro (*Cyphorhinus arada*).

DE CICCO, Lúcia Helena Salvetti. Uirapuru-verdadeiro. *Saúde animal*. Disponível em: <https://bit.ly/2zQYB4F>. Acesso em: 29 set. 2016.

1. Qual é o assunto do texto lido? O texto trata das características do pássaro uirapuru-verdadeiro.
2. Releia o trecho a seguir e transcreva três características do pássaro.

Uirapuru, também chamado corneta ou músico, é um pássaro típico da Amazônia, da família dos troglodytídeos, cuja plumagem pardo-avermelhada e bem simples não condiz com a exuberância do canto, de grande beleza. Tem bico forte, pés grandes e, às vezes, nas laterais da cabeça, um desenho branco. 1. É da família dos troglodytídeos. 2. Tem uma plumagem pardo-avermelhada bem simples, que não condiz com a beleza do canto. 3. Tem bico forte, pés grandes e, às vezes, nas laterais da cabeça, um desenho branco.

3. As informações do trecho reproduzido na atividade **2** são científicas? Explique.
Sim, pode-se concluir isso pelo fato de as informações serem baseadas na observação e na comprovação objetiva.
4. Que relação podemos estabelecer entre a lenda "Irapuru: o canto que encanta" e o texto "Uirapuru-verdadeiro"? Os dois textos fazem referência ao pássaro uirapuru.
5. A linguagem empregada nesses textos é semelhante ou diferente? Explique.

Quando a definição de algo é dada por meio de informações objetivas, temos um texto do gênero **verbete**. Além da exposição, também podemos encontrar em um verbete a narração e a descrição. Os verbetes são encontrados em dicionários, enciclopédias, revistas, entre outros, e podem ou não conter representações gráficas (ilustrações) que se relacionam à definição.

Fonte de ambas as imagens: OLIVEIRA; ARAÚJO, 2018, p. 99-101.

O capítulo 3 da coleção Tecendo Linguagens trata de alguns gêneros orais. Na seção "por dentro do texto", o autor discorre sobre as lendas e explica para os alunos que se trata de um gênero nascido da tradição oral, no qual são articulados fatos reais, históricos e também fictícios. Para tanto, na figura 5 traz a lenda do "irapuru", por meio da qual é narrada a história do pássaro Uirapuru e de seu belo canto. Para mostrar a relação entre gêneros orais e escritos e a possibilidade de tratarem das mesmas informações, o que é apresentado na figura 6, a canção que fala sobre o canto do Uirapuru, solicitando ao educando que faça uma relação entre o trecho da lenda e da canção que trazem a mesma ideia sobre o pássaro. Aqui, é

percebida a relação de intertextualidade que é estabelecida pelo autor entre os dois textos, o que configura, segundo Charaudeau e Maingueneau (2004), uma intertextualidade externa, e, segundo Koch; Bentes; Cavalcante (2007), uma intertextualidade explícita. Uma articulação claramente visível entre textos distintos.

Na figura 7, no box conceitual sobre o gênero "lenda", é apresentado um recorte do livro "Os seres vivos" de Carlos Barros (1994). Nesse box, o autor apresenta uma definição, uma explicação, acerca das características e origem do pássaro Uirapuru. O próprio subtópico apresentado no final da figura 6 – marcado com um ponto vermelho – já faz menção à relação de intertextualidade pretendida pelo autor. Dessa forma, no que concerne à intertextualidade externa e explícita, é possível observar a remissão que se estabelece entre as figuras 5, 6 e 7, por meio do enunciado presente no box configurado como "Home Page" na figura 7, o qual direciona o leitor para o texto teórico acerca da informação teórica sobre o pássaro Uirapuru. Nesse evento, é citada uma fonte externa explicitamente, relacionado um discurso a outro externo a ele. Assim, evidenciamos que o discurso teórico é posto em um espaço deslocado dentro do pedagógico – na figura 7 – compondo outro enunciado, revelando o já-dito que emerge nesse espaço, a intertextualidade que intercala os dizeres pedagógico e teórico, que materializa a interdiscursividade no texto. Ou seja, a ação provocada pelo sujeito/autor tem como finalidade dar amplitude às discussões apresentadas na seção sobre as lendas.

Como visto, os enunciados materializam-se e constituem os discursos, o que configura uma evidente complexidade textual e discursiva, assim os sujeitos que ali estão emergem. Ao sujeito autor cabe organizar a dispersão que se materializa nas páginas dos LDP, cabe a ele buscar a unidade na dispersão, munir-se de ferramentas que o possibilitem ajustar, articular, intercalar as materialidades ali postas com o objetivo de proporcionar a emergência dos sentidos e dialogar com o leitor na construção de sentidos e interpretações da hipertextualidade que configura o o LDP. Daí a importância do sujeito, como afirma Barros (2004), na intervenção, seleção e articulação de planos enunciativos, pois, segundo ela, sem a intervenção do sujeito a polifonia seria apenas um barulho.

Considerações finais

Diante da pesquisa desenvolvida sobre a hipertextualidade do livro didático impresso foi possível compreender as formas que constituem as páginas dos LDP, e também as formas

de atuação dos autores na articulação de elementos linguísticos e enunciativos que são materializados nas páginas desses livros. Estabeleceu-se, assim, a imagem possível sobre as relações constitutivas desses livros a partir dos movimentos de intercalação, de instauração do outro em um mesmo espaço discursivo, dos encaixes textuais, configuração que se constitui de estratos, fragmentos de outros textos/discursos. Constatamos, então, que o LDP, sob a perspectiva da hipertextualidade, tratado à luz de uma interface de conceitos, como havia proposto Barros (2004), possibilita observar tanto a superfície textual, e seu interior, quanto seu exterior – superfície do discurso.

Ao trabalhar na fronteira entre os campos teóricos textual e discursivo, buscamos ampliar o olhar sobre o objeto analisado – livro didático de português - a um só tempo. Em outras palavras, diante de tal perspectiva teórico-metodológica, foram mobilizados conceitos das duas áreas teóricas, como coesão, coerência, intertextualidade, interdiscursividade, memória, já dito, sentido, para compreensão de fenômenos de linguagem complexos presentes nesses livros, o que parte das pesquisas de Barros (2004 - 2019). Com efeito, neste trabalho específico buscamos destacar as relações entre intertextualidade e interdiscursividade, a interface textual-discursiva que abre espaço para compreensão da relação que se estabelece entre enunciados de ordens distintas nas páginas desses livros didáticos, estando um a serviço do outro, com o fito de compor a unidade hipertextual e possibilitar leituras mais aprofundadas aos educandos.

Como visto, forma e conteúdo, configurados nos LDP, colocam para o leitor um amplo espaço de leitura, possibilitando maior profundidade de estudo. Por outro lado, percebe-se, também, que o sujeito-autor ao compilar os vários textos nos livros didáticos busca, diante de tanta complexidade, manter a coerência e coesão textual, articulando/intercalando dizeres, utilizando-se de elementos textuais e discursivos para construir uma unidade textual/discursiva pedagógica que auxilie o aluno/leitor. Ao olhar por outro prisma, considerando um objeto textual/discursivo, evidencia-se que o sujeito, mesmo dentro das limitações ideológicas/discursivas, exerce ações; seleciona, mobiliza estratos/fragmentos textuais/discursivos para constituir a unidade textual. De fato, a partir do trabalho de interface textual-discursiva, é percebido que toda essa configuração e contribuição possibilita ao aluno/leitor imergir em suas leituras e ter contato mais amplo não só com o interior textual, mas também com seu exterior. Revela-se, assim, a importância do LDP e todo

seu complexo hipertextual e também a possibilidade de análises de interface entre texto e discurso.

Referências

BALTHASAR, Maria; GOULART, Shirley. *Singular e plural:* Leitura, Produção e Estudos da Linguagem. 3. ed. São Paulo: Moderna, 2018. (Coleção singular e plural).

BARROS, Juliene da Silva. *Intercalação, (meta)enunciação e autoria:* uma análise textual-discursiva da interposição. Campinas, Tese de Doutorado em Linguística. Universidade Estadual de Campinas. Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem, São Paulo. 2004.

_____. *Gêneros incluídos na perigrafia do livro didático:* O ensino na interface entre texto e discurso. CONALE, VIII Colóquio de Letras, II Encontro de Professores do Agreste, Palmeira dos Índios, 2019.

_____. *O Texto na era do hipertexto.* Revista eletrônica da FIA v. 3, n. 3, Jul/Dez de 2007. Disponível em: http://intranet.fainam.edu.br/acesso/sites/fia/academos/revista3/1.

pdf. Acesso em:os/revista3/1.pdf. Acesso em: 10 de novembro de 2019.

_____. *Textualização do discurso:* O livro didático como hipertexto. Encontros de Vista, v. 12, Jul/dez, 2012. Disponível em http://www.encontrosdevista.com.br/Artigos/artigo_9_10.pdf. Acesso em: 12 de novembro de 2019.

BRAIT, Beth (org.). *Bakhtin:* Conceitos Chave. São Paulo: Contexto, 2006.

BRAIT, Beth; SOUZA-e-SILVA. Maria Cecília (org.). Texto ou discurso? São Paulo: Contexto, 2012.

CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. *Dicionário de Análise do Discurso.* São Paulo: Contexto, 2004.

COSCARELLI, Carla Viana. Textos e hipertextos: procurando o equilíbrio. In. Araújo, Júlio César (org.). Linguagem em (Dis)curso. Palhoça, Santa Catarina: PPGCL /UNISU L. vol. 9, nº 3, set. / dez, 2009, p. 549-564. Disponível em: http://linguagem.unisul.br/paginas/ensino/pos/linguagem/linguagem-em-discurso/0903/0903dt.pdf. Acesso em: 03 de junho de 2018.

FIORIN, José Luiz. Interdiscursividade e intertextualidade. In: BRAIT, Beth. (org.). *Bakhtin:* outros conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2006.

_____. Interdiscursividade e intertextualidade. In: BRAIT, Beth. (org.). *Texto ou discurso?* São Paulo: Contexto, 2012.

KOCH, Ingedore Villaça. *Desvendando os segredos do texto.* 8. ed. São Paulo: Cortez, 2015.

KOCH, Ingedore Villaça; BENTES, Anna Christina; CAVALCANTE, Mônica Magalhães. *Intertextualidade:* diálogos possíveis. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

LÉVY, Pierre. *As tecnologias da inteligência:* o futuro do pensamento na era da informática. São Paulo: Editora 34, 1993.

MAINGUENEAU, Dominique. *Discurso e análise do discurso.* Tradução Sírio Possenti. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2015

MARCUSCHI, Luiz Antônio. O hipertexto como um novo espaço de escrita em sala de aula. *Linguagem e Ensino*, vol. 4, n.1, p. 79-111, 2001.

_____. *A questão do suporte dos gêneros textuais*. João Pessoa. DLCV, v. 1, n. 1, p.9-40, 2003. Disponível em: http://www.periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/dclv/article/v iew/7434/450Acesso em: 15 de março de 2018.

OLIVEIRA, Donizete Silva. *Do (Inter)texto ao (Inter)discurso:* Uma análise do livro didático de português como hipertexto impresso. Orientadora: Juliene da Silva Barros Gomes. 72f. Monografia (Graduação em Letras) – Unidade Acadêmica de Garanhuns, Universidade Federal Rural de Pernambuco, 2019.

OLIVEIRA, Tânia Amaral; ARAÚJO, Lucy Aparecida Melo. *Tecendo linguagens:* Língua Portuguesa. 5. ed. São Paulo, 2018. (Coleção tecendo linguagens).

SCHWANTES, lavínia; HENNING, Paula Corrêa; RIBEIRO, Paula Regina costa. *O discurso pedagógico da ciência em operação na Rede Nacional de Educação e Ciência:* Novos Talentos da Rede Pública (RNEC/NT). Ciênc. Educ., Bauru, v. 22, n. 3, p. 809-828, 2016. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1516-73132016000300809&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em 23 de dezembro de 2020.

XAVIER, Antônio Carlos. *Hipertexto e intertextualidade.* Campinas: Cad. Est. Ling. v. 44, p. 165-176, 2003.

Recebido em novembro de 2020.

Aceito em janeiro de 2021.